

1. Os corpora de fala no Brasil

b) Ensino de L2;

Análise dos marcadores discursivos utilizados em situações interativas entre aprendizes de italiano
língua straniera

Objetivos

A presente contribuição, de tipo descritivo, tem o propósito de analisar de que maneira os aprendizes de italiano (doravante I) utilizam, no decorrer das interações entre pares, um conjunto de marcadores discursivos (doravante MD) cuja função é reforçar a organização argumentativa do discurso. O estudo é realizado por meio da análise de um *corpus* levantado entre estudantes de italiano língua straniera (doravante LE), cuja língua materna (doravante LM) é o português brasileiro (doravante PB) e empenhados na realização de atividades interativas.

Partindo dos pressupostos de que os MD, em decorrência de sua fragilidade semântica, são palavras “vazias” cujo emprego adequado é difícil de apreender (NUSSBAUM, 1990; 1992), mesmo em contextos de aprendizagem facilitados, os objetivos que nos propomos são:

- identificar as formas e as funções que desempenham os MD;
- verificar por meio de que língua são expressos os MD por aprendizes cuja LM é próxima da LE;
- verificar, quando são expressos em LM, se estimulam ou não um conjunto de estratégias como negociações, reformulações, auto e heterorreformulação que podem contribuir para o desenvolvimento do sistema interlinguístico e, portanto, para a aquisição/aprendizagem da LE;

Pensamos que um trabalho crítico sobre o uso dos MD presentes no discurso dos aprendizes possa ajudar a compreender, de maneira mais rigorosa, as dificuldades que os interactantes irão encontrar no decorrer do processo de aquisição/aprendizagem de uma LE próxima da sua própria e a comunicação que se instaura na aula de LE, lugar social especial, em que a conversação oscila entre modalidades exolíngues, caracterizadas pela divergência entre os repertórios linguísticos dos interactantes e a comunicação bilíngue, que apresenta o uso simultâneo das duas línguas que estão frente a frente (ALBERT; PY, 1986; LÜDI; PY, 1986).

Metodologia

O *corpus* da pesquisa é composto de um total de 15 horas de gravação áudio de aula, posteriormente transcritas. O grupo-classe era formado por seis estudantes universitários de LM português, variante do Brasil, inscritos em um curso de Língua e Literatura Italiana de nível A2/B1 do *Quadro Europeu Comum de Referência-QEER* (2002). O curso era ministrado por um professor cuja LM é o italiano, com formação na Itália. Dado que o contexto é definido também com base nas atividades que os participantes estão realizando (GAJO; KOCH; MONDADA, 1996), é bom esclarecer que a metodologia usada baseava-se em tarefas, definidas como “[...] trabalho de sala de aula que envolve os aprendizes na compreensão, manipulação, produção ou interação na língua-alvo, enquanto sua atenção está focada principalmente no sentido, em lugar da forma”. (NUNAN, 2004, p. 10, tradução nossa). O objetivo dessas tarefas era promover a interação e a negociação. A tipologia das atividades era bastante variada, mas nesse estudo foram examinadas somente as atividades realizadas em grupos pequenos, destinadas a estimular a uso da língua oral.

Tratando-se de sequências retiradas de um contexto interativo, classificamos os MD em duas subclasses: os MD produzidos pelo falante, ou seja, aquele que pronuncia um determinado enunciado naquele dado momento; os MD produzidos pelo interlocutor, ou seja, aquele que participa da troca comunicativa sem que seja seu turno naquele momento (e, portanto, participa em silêncio ou por meio de sinais não verbais ou MD específicos). Visto que uma parte dos MD presentes no *corpus* é expressa em LE por aprendizes, faremos referência à classificação elaborada por Bazzanella (1995, 1994), que analisou as funções dos marcadores metatextuais e dos marcadores pragmáticos/fáticos em italiano. Para descrever os MD na língua PB aproveitaremos a classificação proposta por Marcuschi (1986) e Urbano, (2006, 1997), realizada com base em um *corpus* de conversações levantadas entre falantes cultos da língua PB.

No intuito de simplificar a análise, selecionamos doze episódios significativos em que os falantes e os interlocutores se servem dos MD metatextuais e pragmáticos/fáticos.

Resultados

Em geral, emergiu que, embora se trate de um contexto de aprendizagem facilitado, dado que a língua de partida é afim à LE, os MD são frequentemente expressos por meio do emprego da LM tanto por parte de quem detém o turno como por parte do interlocutor. A esse respeito, os MD mais frequentes são *né* e *tá* em PB. Tratando-se de um contexto colaborativo, a categoria dos MD mais representativa é aquela dos fatismos, usados para manter viva a conversação, e dos mecanismos de aprovação, usados para receber um *feedback* por parte do mais experiente linguisticamente. Os MD metatextuais estão completamente ausentes nos *corpus*, talvez porque seu uso exija uma competência linguística e conceitual que os aprendizes não possuem.

Os MD, mesmo quando expressados em PB, permitiram que os aprendizes mantivessem a estrutura conversacional aberta e facilitaram a intercompreensão. As atividades de reparo auto e heteroiniciadas pelos estudantes, usadas frequentemente para melhorar o seu próprio *output*, tendem a desaparecer no momento em que os MD são expressos em PB, seja porque são muito fracos semanticamente, seja porque prevalece nos aprendizes o desejo de levar a termo a tarefa atribuída, dado que a inserção de sequências pedagógicas na sequência principal poderia mudar bruscamente a direção do fluxo interacional.

Consideramos que, com base na análise da interação que ocorre na aula de língua, podem-se extrair indicações didáticas claras e preciosas.

Em primeiro lugar, é possível afirmar que um contexto como aquele observado favorece a presença de determinados MD, característicos de situações menos formais e mais coloquiais. Esse dado levanta uma questão importante que deve ser examinada quando se leciona uma LE, ou seja, que se deve levar em conta, além das competências linguísticas que abrangem os setores da morfologia e da sintaxe, também a dimensão pragmática da língua, com o objetivo de se estimularem nos aprendizes atenção e consciência em relação a alguns fenômenos pragmáticos, em lugar de fornecer somente regras prescritivas sobre o uso da LE. A percepção dos MD pode não ser tarefa fácil na aula de língua por causa de sua fragilidade fônica, polissemia e indefinição semântica, embora, como diz Schiffrin (1987), eles nunca sejam vazios e conservem uma ligação com seu “*core meaning*”, que contribui para a realização de suas funções pragmáticas.

Dado que é frequente a ausência de atividades de reparo quando há MD expressos em LM, porque prevalece nos interactantes o desejo de levar a termo a tarefa atribuída, para permitir que o aprendiz perceba e teste suas próprias hipóteses sobre o uso dos MD em LE, pode ser útil, além de se promoverem atividades que favoreçam a interação e a negociação, incentivar formas de autocontrole e autoavaliação por meio de um trabalho de análise dos dados na entrada, de uma comparação com a situação dos próprios conhecimentos e da consequente percepção das diferenças observadas.